

BULLYNG NA ESCOLA: REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE

Elaine Gaiva Leal¹
Lucilene Mendes dos Santos²
Marcilene Costa Monteiro³
Maria Aparecida da Silva Oliveira⁴
Maria Cristina Pinheiro da Silva⁵
Marlene Venuti de Souza Monteiro⁶
Michelly Rondon de Oliveira⁷
Rosimeire Glória Peteá do Prado Casagrande⁸
Victoria Maria Vitorino de Santi⁹

RESUMO: Neste estudo ganha o destaque especial ao *bullyng* e a diversidade na escola, vive em uma sociedade extremamente individualista. O capitalismo submergir-se a transformação das pessoas em objetos e os valores em segundo plano, cada vez mais a violência se faz presentes nas escolas. A figura do outro ficou de lado para muitos, passar por cima de qualquer um para levar vantagem e atingir seus objetivos. Diante dos inúmeros acontecimentos violentos que se faz presente nas escolas, vem desencadeando repetidamente contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como *bullyng*, é um dos temas que jamais poderá passar despercebidos a um profissional de educação, por tratar de um fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que pode ser identificada. Embora seja fenômeno pouco conhecido, por razões de não assumiram tais as responsabilidades de tais atos, transformadores de grandes transtornos na vida físico-psicológica do aluno. É de responsabilidade do educador, e necessidade total do conhecimento e buscar estratégias que venham amenizar o fato. *Bullying* significa usar o poder ou força para intimidar, agredir, humilhar, dar apelidos. Empregado para delinear atos de violência física ou psicológica que são praticados. Este artigo proporciona algumas ressalvas feito as quais poderão colaborar com os docentes preocupados com as pessoas perseguidas no ambiente escolar, vítimas que não fazem nada, pessoas diferentes, solitárias, com defeitos físicos ou desiguais a questão de gênero. Assim contribuir e concretizar uma consciência de igualdade de gênero principalmente nos espaços escolares.

2627

Palavras Chave: Escola. *Bullying*. Aluno. Diversidade.

¹ Psicopedagogia Clínica e Institucional - Faculdade Afirmativo.

² Educação Infantil - Práticas na sala de aula - Faculdade São Braz.

³ Pós-graduação em Literatura Infantil - faculdade São Brás.

⁴ Pós-graduação em Psicopedagogia e Educação infantil- Centro Universitário FAVENI.

⁵ Professora formada em Licenciatura Plena em Pedagogia -UNEMAT e pós-graduação em Psicopedagogia - Faculdade de Educação de Tangará da Serra.

⁶ Pós- graduação em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Especial Centro Universitário FAVENI.

⁷ Professora formada em Licenciatura Plena em Pedagogia-UNEMAT. Pós-graduação em Alfabetização e Letramento- Faculdade UNINA.

⁸ Pós-graduada em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva- FAVENI

⁹ Professora formada em Licenciatura de Educação Física pela Unemat e Pedagogia pela Unina, Pós-graduação em Psicomotricidade pela Unina e Mestranda pelo Programa de pós-graduação. Mestrado Profissional em Educação Inclusiva pela Unemat.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo anseia a mostrar o que vem a ser esse fenômeno denominado bullying. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados bibliográficos, para que possa contribuir com educadores e pesquisadores da Educação no combate a esta prática perniciosa, que vem causando danos irreversíveis, muitas vezes na vida de muitas pessoas, uma vez que escola tem um papel fundamental.

Essas contribuições visam amenizar as dificuldades de professores que se deparam com o problema aqui discutido. As agressões ocorrem principalmente durante os intervalos do recreio e no interior da sala de aula. É necessário que os professores intervenham nas situações de agressões que são praticados pelos alunos.

Quanta a diversidade, muitos professores têm sido confrontados em sala de aula, pode-se avaliar que as competências a que recorre começaram a ser construídas bem antes de ele decidir tornar-se professor, surge da origem da própria personalidade do profissional, saber driblar os problemas da diversidade encontrada, sendo ele o oriundo, vindo das experiências e na sua formação.

A grande relevância deste estudo para a sociedade, uma vez que está relacionado à formação de educadores e não somente professores, num sentido mais amplo em um processo educativo, que não somente o de ensinar e aprender na escola, é que o conjunto de textos pesquisados mencionado o campo da diversidade humana, ou seja, avaliar a desigualdade de gênero.

No mundo contemporâneo, a educação formal, que acontece no contexto escolar, não pode mais fechar os olhos para as diferenças. O que era antes quando a escola voltava sua atenção para as diferenças criava dispositivos de invisibilidade, negação e até mesmo expurgo do que foge da norma no seu contexto.

Muitos educadores têm enfrentado batalhos enormes, desafiando as possibilidades de uma igualdade social nos espaços escolares, o propósito deste estudo é mostrar e analisar uma situação já vivenciada pelas pesquisadoras em determinado momento de sua vida; o objetivo principal da mesma é observar como as crianças e jovens das escolas têm lidado com determinado problema, esclarecendo ainda o que vem a ser esse fenômeno tão pouco conhecido: o *bullying*, que tem sido um transtorno na vida de muitas pessoas, em faixas etárias as mais variadas.

2 DESENVOLVIMENTO

O *bullying* pode ter várias consequências, atrapalha no desempenho escolar da vítima, tornando ser um praticante adulto violentos, repressivos. As crianças que são vítimas do *bullying* desenvolvem medo, depressão, tristeza, pois são ofendidas e geralmente não querem retornar à escola, pois na realidade estão sendo ameaçados psicologicamente, às vezes os professores não estão tendo o conhecimento do fato, porque não é demonstrado, feito na presença dos mesmos, sempre no interior da escola, e a vítima sofre muito com isto. (PEREIRA, 2002).

De acordo com Pereira (2002) há uma rejeição, por parte dos vitimados: estes se isolam a ponto de não se relacionarem com quem desejam, não brincam, não interagem com os colegas, não querem formar grupos; quando é para se formar a criança fica totalmente isolada, causando um grande transtorno em sua vida, físico e psicológico.

O *bullying* surge desde os casos simples até os mais complexos, afetando e estigmatizando o magrinho, o gordinho, o branco, o negro o diferente, o tatuado e até o deficiente físico ou mental. Podendo ser observado um preconceito que não ocorre só entre alunos, nas escolas; professores também passam por isso, por constrangimentos, discriminação, humilhações vindas de outros colegas insensíveis, invejosos, que não gostam de ver o outro bem e sentem-se mal com a alegria do outro, e por vezes praticam o *bullying*; o vitimado muitas vezes não tem como se defender; muitos colegas têm medo de defendê-lo, pois poderão ser as próximas vítimas. (FANTE, 2005).

Na denominação de alguns autores como violência na escola, que se enquadra em estudos de indisciplina, que são objetos de diferentes situações e comportamentos, sejam violentos ou não. O *bullying* pode levar à ansiedade, ao estresse, solidão, à depressão e tristeza chegando até ao suicídio, pois se trata de assédio moral e físico, deixando a vítima assustada; precisa de atenção tanto para a vítima, quanto para o agressor. Pesquisas mostram que alguns praticantes do *bullying* hoje já foram vítimas no passado. (PEREIRA, 2002).

Em muitos casos, a escola nem toma conhecimento desse tipo de violência que se impõe à vítima, ficando em silêncio, uma vez que não pode apontar a gerência da escola e nem os pais, evitando a piorar a espécie de discriminação, a certos casos que os professores e pais só ficam sabendo do problema através das consequências e não das causas, como resistência em voltar para a escola, tristeza, baixa-estima, queda do rendimento escolar, estresse, solidão; tudo isso pode ser reflexos do *bullying* o causador do preconceito que existe entre os alunos e que acontece no interior da escola. (CALHAU, 2010).

Há ocorrências de suicídios por não suportar a pressão psicológica sobrevindas do *bullying*, pois a pessoa sofre pressão e se sente condenada, fazendo com que tenha uma baixa estima, que não serve para nada, não tem competência intelectual, não consegue desabafar com ninguém. Em outros casos, a vítima habitua conviver com a situação revolvendo espontânea subserviente do dominante.

De acordo com Calhau (2010), a conduta violenta na escola distingue-se de outros tipos de comportamentos, tanto físicos como emocionais que estão direcionados a alguém e simula um problema disciplinar específico das escolas. Essa violência na escola demonstrar em diferentes diversidades de comportamentos antissociais qualquer forma de opressão ou de exclusão social, agressões, vandalismo, roubo, que podem partir de parte dos alunos ou por outros elementos da comunidade escolar. Estes problemas estão relacionados diretamente a dificuldades no desenvolvimento moral e na autoestima das vítimas e dos agressores. Tantos os professores quanto aos pais devem estar atentos, com esse tipo de violência, para que a vítima não conviva com isso em silêncio, para que tome providencias junto ao Conselho Tutelar, que pode até mover um processo junto a Justiça cobrando do agressor a reparação por dano moral ou físico.

Pesquisadores especialistas no assunto garante que trabalhar um projeto antibullying só é capaz se houver a participação dos pais, professores e alunos, desta forma será necessário também um trabalho continuado no dia a dia. Isso quando se trata de conceito ético, moral, respeitando as. É dessa forma que será uma educação mais saudáveis e mais felizes. Pois sabem que não é responsabilidade somente da escola, mas sim dos pais que necessariamente terá que está envolvido neste projeto. (BRASIL ESCOLA, 2018).

2630

Na verdade, a escola também reflete o modelo violento de convivência social. E o mais grave é que muitos educadores não se percebem como violadores dos direitos dos alunos. É que pode chamar de violência simbólica. Avalia-se agressividade exclusivamente por suas manifestações: o comportamento. É necessário compreender que a agressividade é impulso que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio indivíduo (autoagressão). Esta se manifesta pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, isto é, pela ação verbal ou física sobre o mundo. (FANTE, 2005).

Quanto à diversidade, no primeiro momento que as principais práticas discriminatórias têm como principais vítimas o estudante, especialmente negros, pobres e homossexuais, respectivamente, para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas

entre os diversos públicos pesquisados.

As desigualdades que permeiam no social, histórica, política e culturalmente a construção de gênero. Essas desigualdades são evidenciadas na linguagem sexista, na padronização, nas noções sobre o que é adequado para mulheres e homens, nos papéis preconcebidos, na divisão do trabalho, entre outras. Vive-se em uma sociedade de diferentes etnias, pessoas vidas dos mais diversos países, emigrações que põem em contato com os mais diferentes grupos nos planos culturais e sociais, favorecendo o preconceito e discriminação (CAPELLO, 2003).

Por conta disso, surge o desafio da escola para superar a discriminação e dar valor a riqueza da diversidade etno-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Dessa forma a escola deve ser local de diálogo, de aprender e conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferenças formas de expressão cultural.

Embora a escola tenha um papel muito importante na superação das discriminações étnica, social, cultural, religiosa e econômica, como foi colocado pelo Tema Transversal “Pluralidade Cultural”. No entanto, não basta que se valorize e respeito à trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade; apresentar elementos de cultura das diferentes etnias não é suficiente para tratar da pluralidade cultural brasileira. É necessário acima de tudo, que trate das tensas relações vividas no dia a dia brasileiro. (CAPELLO, 2003).

2631

Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN mencionam um constante processo de interação entre o saber escolar e os demais saberes sociais. No entanto, não se referem aos conflitos inerentes a esse processo de interação. Com base no exposto acima, com várias leituras em artigos, ainda resta saber como as legislações despontam sobre o direito à igualdade de gênero? Na verdade, este fato precisa e deve ser de um árduo trabalho incansável, desenvolvido há décadas, por evidências de autores brasileiros, civilistas que protegem uma sensível transformação de exemplar do direito civil, no qual, privilegiar com uma tutela diferenciada esquivando do paradigma patrimonialista o qual dominou o estado. Dignidade é o princípio maior, caracteriza-se nos direitos humanos, do jeito e garantia inerente do homem, é um conjunto bases para proteger dos excessos do estado.

A preocupação com o acesso dos direitos humanos e da justiça social, levou o constituinte a consagrar a decência da pessoa humana com um verdadeiro alicerce Constitucional “Sua essência é difícil de ser apanhada em palavras, mas sobrevém uma grandeza de situações que

arduamente se podem elencar de antemão” (SARMENTO, 2000, p. 58).

A discussão ocorrida durante o estudo, reafirmam que a escola, direção, ou seja, o público-alvo envolvido no ambiente escolar, é preciso abrir os olhos para uma nova realidade, deixar de lado as evidências que o sexismo, como qualquer forma de discriminação baseada no sexo seja normal.

Adoção de uma concepção binária, que contribui às mulheres a qualidade de fraquezas que são negadas aos homens, que se veem cumulados de qualidade e defeitos que são negados às mulheres, no caso do problema citado acima, o esporte, por exemplo, muitas vezes perdem grandes oportunidades de competição extraordinária por ser mulher. É um tema de mandatária urgência, infelizmente, existem aqueles que tentam diminuir a sua relevância da discussão, procurando esvaziar o debate jurídico sobre a igualdade de gênero entregando uma visão particular e política, prova disso que, nem se quer identifica, demonstra apenas compreensão de textos, como também é consciente do gravíssimo problema da realidade, revelam notórias dificuldades em pensar abstratamente sobre o conceito jurídico, é muito fácil buscar informações muitas vezes com visões tosca, coalha na internet, isso nos trazem uma reflexão sombria.

Artigo 5º da Constituição prevalece que, toda a responsabilidade garantir ao ser humano uma vida livre, incorruptível e igualitária para todos. Ou seja, assegurar seu direito independente de qualquer opção ou gênero, todos são iguais sob a ótica da Constituição, isso significa que todos têm os mesmos direitos e obrigações a serem cumpridas à sociedade e ao Estado brasileiro.

2632

Porém a linguagem jurídica não é tão fácil de entender, justamente isso, ideias contraditórias passam prevalecer, a igualdade de gênero não é desconhecer a essência de diferenças entre mulheres e homens, mas sim assegurar um critério de discriminação negativa. Os professores necessariamente precisam abraçar essa questão, lembrar que todas as pessoas têm os mesmos direitos, oportunidades para desenvolver suas atividades, nos estudos, e suas vezes serem valorizadas igualmente.

De acordo com autores como (Assumpção & Kuczynski, 2002), revelam que o caminho para uma efetivação na escola é necessário que o público-alvo: “diretores, docentes, funcionários, estudantes, pais e mães” conscientizam os quais apresentam atitudes de crenças e valores, percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras nas sete áreas temáticas de discriminação. Tais atitudes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas e acusadas injustamente simplesmente pelo fato de

fazerem parte de algum grupo social específico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as agressões aumentam a cada dia no interior das escolas, fruto dos problemas sociais, da intolerância para com as diferenças, e que fica difícil da parte da coordenação e direção mudar isso; não há um controle efetivo, não há campanhas, os alunos são muitos agressivos e praticam o *bullying* a todo o instante.

Visto que a agressividade está na flor da pele de cada aluno adolescente, estão agressivos, intolerantes e não tem paciência; têm respostas imediatas; resposta essas que contradiz com o desejo da educação que queremos passar, isso gera conflitos entre todos, partindo assim para agressões verbais, onde os apelidos são colocados e provocados. Poderia e deveria a família estar acompanhando mais os filhos, estando sempre presente no seu desenvolvimento e acompanhando a sua vida escolar.

As condutas que mais incidiram foram os apelidos pejorativos e as gozações. Em relação à atitude de quem presencia os maus-tratos, em se tratando de alunos, verifica-se que ninguém interfere e até geralmente se riam das brincadeiras e gozações.

É necessário enfrentar as desigualdades de gênero na escola, a uma necessidade de re-

2633

conceituar e alterar metodologias tradicionais de ensino que reforçam essa concepção binária de gênero. É preciso à fixação do olhar sobre uma sexualidade heteronormativa era constantemente reiterada nas manifestações durante a formação, assim como a tentativa de cobrar também comportamentos adequados daqueles meninos com trejeitos e daquelas meninas com fito de homem.

E por fim, vale ressaltar que as obstinações quanto à intenção de prática de um plano de ação procurando diminuir os preconceitos que devem ser extirpados, principalmente por meio da Educação e de uma contestação inteiramente qualificado na realidade sólida, tendendo edificar uma sociedade mais justa, mais digna, para ser reverenciada como uma nação democrática e isonômica.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Junior Francisco / KUCZYNSKI, Eveliyn. Adolescência Normal e Patológica.: Distúrbios afetivos – tratamento. Editora Lemos Brasil 2002.

BRASIL ESCOLA. Bullying, um desafio às escolas do século XXI. Disponível em: . Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais.

Pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALHAU, Lélío Braga. Bullyng: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repreensão. 2^a ed. – Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades. In: ENS, R. T.; VOSGUERAU, D. S. R.; BEHRENS, M. A (Org.). O

trabalho do professor no espaço escolar. Curitiba: Champagnat, 2009.

SARMENTO, Daniel. A ponderação de interesses na Constituição Federal. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2000.